

FICHA TÉCNICA

Título: *Crónicas da Terra e do Mar — O Grito do Corvo*

Autora: *Sandra Carvalho*

Copyright © by Sandra Carvalho e Editorial Presença, Lisboa, 2017

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2017

Depósito legal n.º 426 098/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Para o meu capitão.

Obrigada por esta viagem maravilhosa de sonho e de emoção.

CAPÍTULO 1

A violência da tempestade que se abatera sobre o *Rouxinol* ao largo da costa de África, logo após a batalha contra a *Virgem Imaculada*, aterrorizou Leonor e Guida. Em Águas Santas, as jovens refugiavam-se na capela para rezar quando a região era fustigada por vendavais nos invernos mais rigorosos. Contudo, o medo que esses dias lhes tinham inspirado assomava-se ridículo comparado com o que estavam a enfrentar.

— Não quero morrer zangada contigo — chorou Guida, estreitando a amiga. E Leonor retribuiu, pois, apesar de não se permitir expressá-lo, também receava o pior.

«Meu Deus...», orou, angustiada. «Que ninguém caia ao mar ou se magoe... Por favor, São Jorge, que o barinel não se afunde!»

Um novo solavanco voltou a derrubar as cadeiras. Guida ia erguer-se do canto onde se tinham abrigado, junto à rede onde Corvo dormia, mas Leonor deteve-a. De que servia pôr as cadeiras de pé se, dentro de nada, estariam outra vez no chão? Desde que Corvo lhes ordenara que ficassem quietas no camarote, elas tinham guardado o que estava em cima da mesa e atado as portas do armário para que estas não se abrissem. Também tinham posto as armas que enfeitavam as paredes dentro da arca, para não se arriscarem a ser varadas por uma que se soltasse dos encaixes. Pela primeira vez, Leonor não estava irritada por o capitão a ter excluído... Se estivesse no convés, já teria sido colhida pelas ondas e arrastada borda fora.

«Se o Inferno fosse feito de água, seria assim...», congeminou, tornando a abraçar Guida.

Há pouco, ousara entreabrir a porta para espreitar... E tivera a sensação de que estavam debaixo de uma cascata, tamanha a força do aguaceiro. O Sol não nascera e as nuvens tinham des-cido para engolir o navio, negras como o carvão, rasgadas por relâmpagos que se entrecruzavam em teias de fogo. O estrondo quase ininterrupto dos trovões, misturado com os uivos do vento e o estridor do mar, abafava os gritos dos marinheiros. As ondas alterosas obrigavam o *Rouxinol* a subir a pique, como se estivesse a escalar uma montanha, para, de seguida, o empurrarem numa queda vertiginosa. A água salgada que galgava as amuradas fundia-se com a chuva, varrendo o convés e arrebatando tudo o que não estava preso. Por isso, o capitão mandara esticar cabos para os homens se poderem agarrar.

Guida começou a rezar alto e Leonor acompanhou-a. Depois, levou a mão ao *Nó Eterno*, pensou em Corvo... E imaginou que estava a sentir o seu calor, enquanto escutava a voz grave: «*Não tenhas medo, Leonor... Eu irei cuidar de ti. És minha... E eu sou teu. Para sempre.*»

— Para sempre... — murmurou ela. E, de repente, o terror que lhe retesava os músculos principiou a desvanecer-se. Lá fora, a tormenta não se apaziguara... Mas agora Leonor tinha a certeza de que terminaria em breve. E quando o Sol voltasse a brilhar, todos estariam bem.

Ainda chovia quando Leonor e Guida saíram para o convés, mas a trovoada cessara e o Sol já rompia o manto de nuvens que encobria o céu. O vento também soprava mais fraco, e, apesar de continuar encrespado, o mar já não parecia determinado a afundar o barinel. Noutras circunstâncias, talvez o capitão as tivesse obrigado a regressar ao camarote. Porém, mais dois pares de mãos para ajudar a pôr ordem na confusão que reinava a bordo eram bem-vindos, uma vez que a tempestade causara mais transtornos à tripulação do que o combate na *Virgem Imaculada*. Muitos homens haviam sofrido contusões e Guloso quebrara um braço. Todavia, o mais preocupante era o estado em que o barco

ficara... Duas velas tinham-se rasgado e algumas vergas estavam partidas, para não falar das reparações que o casco exigia. Além de a água ter entrado em abundância e precisar de ser retirada rapidamente dos porões inferiores, havia infiltrações por toda a parte que requeriam a atenção urgente dos calafates.

— Santíssimo! — exclamou Leonor, apoquentada, olhando em redor para se certificar de que não tinham perdido ninguém. — Isto está um caos!

— Começa a mexer-te, «rapariga» — retrucou Mãozinhas, acentuando a sua nova condição num tom mordaz. — Tens muito de que te redimir!

— Vem ajudar-me, Leo — solicitou Rodrigo, passando por Guida como se ela fosse invisível. — Sabes usar agulha e linha?

— S... Sim... — titubeou a jovem, olhando para uma das velas esfarrapadas que os homens baixavam até ao convés. — Queres que remende a vela?

— Vais é remendar carne — rebateu ele.

— Deixa isso comigo — interpôs-se Guida. — Fazer suturas não é tarefa para o... a Leo.

— Ainda não percebeste que as coisas mudaram? — defrontou-a Raposo com rispidez. — Já não estás em Águas Santas! Aqui não há fidalgos nem servos. Há um capitão e marinheiros. E se o capitão me incumbiu desta tarefa, eu escolho quem me acompanha... Está claro que podes reclamar da minha decisão a Corvo! Afinal, fazer queixinhas é a tua especialidade, não é?

— Eu faço o que for preciso — avançou Leonor, ao ver lágrimas nos olhos da amiga.

— Ei, rapariga! — apelou o capitão, do outro lado do convés. E como as duas o fixaram em resposta, ele rangeu os dentes e especificou: — Guida... Chega aqui.

Leonor tentou prender-lhe o olhar, mas Corvo virou a cara. Tal como os outros, estava encharcado até aos ossos e com as vestes sujas e rotas, mas já não tinha o aspeto do demónio sedento de sangue que destruíra a *Virgem Imaculada*... E embora disfarçasse muito bem a sua apreensão, agora que Leonor conhecia um pedaço secreto do seu coração, discernia o quanto ele estava preocupado com os homens e o navio.

— Tenho de ir falar-lhe — suplicou a Rodrigo. — Quero pedir-lhe desculpa...

— Mais tarde — objetou o neto de Maria dos Milagres. — Agora, concentra-te em dar o melhor de ti para o bem de todos... Se desejas o perdão de Corvo, mostra-lhe que te importas com os teus companheiros.

De seguida, conduziu-a até à coberta do castelo de proa. Manhoso já lá estava, sob a luz de uma lanterna, com um pote de bebida ao lado, um balde com água, alguns panos limpos e um baú com agulhas e rolos de linha. Quando eles chegaram, entretinha-se a queimar a ponta de uma agulha na chama da vela.

— Assim evitamos infeções — explicou Raposo.

— Eu sei — volveu Leonor. — Vi a Gui aprender com a mãe. É verdade que nunca suturei, mas não deve ser mais difícil do que bordar uma colcha!

O seu gracejo não surtiu efeito, pois Manhoso franziu o cenho e perguntou a Raposo:

— Tens a certeza disto?

— Absoluta — replicou o amigo. — Leo fará um bom trabalho. Vou dizer aos homens que podem vir...

— Mas voltas, não voltas? — sobressaltou-se ela.

— Não. Tenho de atender a Guloso. O osso do seu braço ficou exposto e, se não for já tratado e imobilizado, dar-lhe-á problemas. Segue as indicações de Manhoso, que ele também percebe da arte de curar.

Sozinha com o novo parceiro, Leonor inferiu que aquele ajuste o desagradara. Manhoso sempre fora atencioso com o «fidalguinho», mas, talvez porque possuía sangue nobre e valorizava bastante a lealdade, a revelação da mentira da herdeira de Águas Santas amargara-lhe, qual traição. Isso ficou demonstrado na segura com que indagou:

— Leo...? Afinal, é mesmo esse o teu nome?

— Sim — justificou ela, tentando manter a voz firme. — O meu nome é Leonor, mas...

— Pois bem, Leonor — cortou Manhoso, como se quisesse clarificar que a relação dos dois não mais seria igual. — O melhor será eu cuidar de tudo e tu ajudas-me, se necessário. — E como

ela ia argumentar, acrescentou: — Raposo quer-te aqui; só por isso, eu não te mando embora... Mas fica calada e não me atrapalhes! Os feridos têm de ser tratados depressa para que possam reparar o navio... Porque se Quebra-Ossos aparecer enquanto nós estamos debilitados, ficaremos num grande sarilho! Entendido?

A rapariga aquiesceu, lutando contra as lágrimas. Se Manhoso a tratava assim, como iriam reagir os outros? A resposta não tardou. Melga e Ratão retrocederam ao deparar com ela.

— Não estou tão desesperado que me vá colocar à mercê de uma fedelha! — menosprezou Ratão bem alto para que todos o escutassem.

— Raposo e as suas teimas... — já ruminava Manhoso quando Gavião surgiu. Saudou-os e despiu a túnica. Trazia um trapo atado em redor da cintura, encharcado em sangue. Leonor mal conteve um grito ao ver o golpe longo e profundo na sua barriga.

— O que foi que te aconteceu? — afligiou-se, abeirando-se dele para examiná-lo melhor.

— Uns trinta pontos devem bastar! — motejou Manhoso, oferecendo-lhe uma púcara de hidromel. — Vamos lá tratar disso, antes que te saiam as tripas...

— O que é que estás a fazer? — inquiriu Gavião quando, após limpar-lhe a ferida, o amigo empunhou a agulha.

— Ora! — estranhou Manhoso. — Vou suturar-te isso...

— Não — refutou Gavião. — Leo vai suturar-me isto! É para isso que ela aqui está, não é? Achas que és capaz, miúda?

Leonor emocionou-se. O mestre estava a colocar-se nas suas mãos para demonstrar aos outros que tal era seguro! Apeteceu-lhe abraçá-lo e dar-lhe um beijo repenicado na face, como faria a um irmão... Contudo, Manhoso já lhe entregava a agulha, sacudia os ombros e retorquia:

— Tu é que sabes, Gavião... Mas não te queixes se ela te vomitar para cima!

— Deixa-te de tretas e enche-me a púcara — respingou o companheiro. E incentivou a protegida: — Vá lá, Leo... Sem medo! — Como ela hesitava, assustada com o tamanho do golpe, adicionou com um brilho caloroso no olhar cinzento: — Confia em ti como eu confio!

Devagar, com muito cuidado, Leonor tocou no corte. Estava a ferver e não parava de verter sangue. Devia doer-lhe imenso! Ela não queria agravar-lhe o sofrimento... Se imaginasse que a pele era um pano, talvez a tarefa se tornasse mais fácil! Com uma mão, tentou fechar os lábios da ferida. Quando reuniu coragem para espetar a agulha, a carne ofereceu resistência. Gavião não soltou um ai, mas o seu ventre contraiu-se com a picada.

— Desculpa... — balbuciou a pupila, ciente de que o magoara.

— Estás a ir bem — mentiu ele, emborcando a púcara. — Continua...

— Sim — troçou Manhoso. — Depois de quinze ou vinte pontos, há de apanhar-lhe o jeito!

Leonor cerrou os dentes, num esforço para se concentrar... Então, teve uma ideia.

— Segura aqui — pediu a Manhoso, estendendo-lhe a agulha. De seguida, puxou o *Nó Eterno* para fora da túnica, apertou-o entre as mãos e inspirou profundamente... Quando libertou o ar, estava pronta para começar.

Um ponto. Dois. Três. Quatro... Os gestos de Leonor repetiram-se, com uma rapidez e uma segurança impressionantes. Espantado, Gavião olhou para Manhoso, que também mal acreditava no que estava a ver, e murmurou:

— Parei de sentir dor... É como se o toque dela me tivesse adormecido a barriga! Isto é magia, Leo?

A rapariga estava tão absorta que nem respondeu. Fez pontos pequenos e bem apertados, como se, realmente, estivesse a bordar um tecido delicado; trinta e nove ao todo, fecharam a ferida de Gavião. Manhoso aproximou a lanterna do ventre do amigo para observar o prodígio. Leonor concluiu a tarefa e perguntou, expectante:

— Achais que está bem?

Os homens entreolharam-se... E desataram às gargalhadas. Num arrebatamento, Gavião abraçou a protegida e beijou-lhe a testa. Fixou-lhe o olhar brilhante de satisfação e declarou:

— Nunca duvides de ti, Leo... Que isto te sirva de lição, Manhoso! Agora, vou mostrar o meu «bordado» aos outros. Eles vão roer-se de inveja!

Manhoso quis saber o que a jovem efetivamente fizera, mas ela não soube explicar... E não houve tempo para congeminções, pois Bicudo entrou, deseioso de confirmar se Leonor era tão habilidosa quanto Gavião apregoava. Saiu todo contente, com seis pontos nas costas, a bradar:

— É verdade! Não dói nada! Não dói mesmo nada!

Melga regressou, balbuciando uma escusa por se ter ido embora. De seguida, vieram Gadelhas e Lagartixa, trocando safanões para decidir qual dos dois ia ser tratado primeiro... Num ápice, metade da tripulação do *Rouxinol* amontoava-se junto ao castelo de proa, curiosa por testemunhar como Leonor usava a magia do *Nó Eterno* para coser os golpes sem que o paciente sentisse a picada da agulha. Manhoso teve de expulsar quem não requeria cuidados, lembrando-os do trabalho de restauro e limpeza que urgia fazer. Só Cachalote resistiu, queixando-se de um corte enorme na mão, que mais não era do que um arranhão. Manhoso ia ralhar-lhe, mas Leonor impediu-o. Se Cachalote queria ser tratado por ela, seria. Não demorou para que o jovem voltasse às suas tarefas, exibindo com orgulho os três pontos miudinhos que recebera.

— Devo-te um pedido de desculpa, Leo — admitiu Manhoso, com um sorriso rasgado. — Fui muito duro contigo...

Calou-se ao ver a expressão de susto dela. Cação aproximava-se num passo vacilante...

Guida contara a Leonor quão difícil fora despertar Cação, após ela o ter prostrado quando ele tentara impedi-la de participar na luta contra Picanço. O que sucedera no porão do barinel, sob a influência do *Nó Eterno*, mergulhara-o numa inconsciência profunda. Leonor tinha de ter mais cuidado quando evocava a magia! Como não dominava a energia do amuleto, esta reagia conforme as suas emoções... Se não fosse pela rapidez do auxílio de Guida, Cação estaria morto! Por isso, Leonor nem ousara chegar perto dele. Não obstante, Guida afiançara-lhe que Cação estava bem, só um pouco zozzo... Todavia, neste momento, «bem» era coisa que ele não parecia!

— Estás num estado deplorável, homem! — constatou Manhoso, franzindo o sobrolho.

— A verga bateu-me na cabeça quando se partiu — disse ele. — Ando numa maré de azar!

O lanho devia ser grande, pois tinha os cabelos ensopados em sangue. Leonor recuou para que Manhoso o observasse, incapaz de decidir se seria pior ir-se embora ou ficar.

— Hum... Isto está feio! — concluiu Manhoso, circunspecto. — Vou cortar-te o cabelo para expor a ferida e, depois, Leo poderá suturá-la. Ela tem um jeito especial com a agulha.

Leonor susteve a respiração quando Cação a encarou, mas a voz dele soou afável:

— Constou-me que sim.

Enquanto Manhoso desbastava os caracóis castanhos com um punhal, a jovem tentou idear um pretexto para se escapulir. Dissimulou tão mal o constrangimento que Cação replicou:

— Não precisas de tratar de mim se não quiseres, Leo.

Era o seu ensejo para debandar... No entanto, a expressão dele atou-lhe um nó na garganta. A frieza gélida sumira do olhar azul. Pela primeira vez, Cação não a mirava com desprezo! Até havia uma ansiedade no seu semblante! Manhoso já terminara e incentivava-a a pegar na agulha... Leonor suspirou, apelou ao *Nó Eterno* e avançou.

O golpe era profundo e sangrava em abundância. Porém, assim que Leonor reuniu coragem para tocar na ferida, esta estancou e a agulha mexeu-se como se tivesse vida própria. Cação não fez comentários, mas o seu fôlego acusou estupefação. Quando a rapariga terminou, Manhoso deu-lhe uma palmada amigável nas costas e declarou com uma risada:

— Pela parte que me toca, a tua mentira está mais do que perdoada! Concordas, Cação?

Como o outro hesitava, Leonor adiantou-se e enunciou humildemente:

— Desculpa, Cação. Eu não queria causar-te dano.

Então, ele redarguiu, com uma seriedade que a deixou boquiaberta:

— Tu apenas te defendeste. Eu é que me portei mal contigo! Ultimamente não sei o que é que se passa... Pensar que o meu irmão pode estar morto põe-me doido!

— Cristóvão está bem — interferiu Manhoso, confiante. — Nem Picanço nem Espinosa o denunciariam a Quebra-Ossos, porquanto iriam arruinar os seus próprios planos.

— Deus queira! — exclamou Cação. — Mas o que eu estou a tentar dizer-te, Leo, é que fui injusto... Todo este tempo, julguei que tinhas algo a ver com a armadilha de Espinosa, quando eu é que sou o responsável por esta desgraça!

— Qual desgraça? — controverteu Manhoso. — Sermos apanhados por esta tempestade foi o único revés que sofremos. Agora, devemos restabelecer-nos para abordarmos a *Niña*... Quanto ao resto, convenhamos que o teu pressentimento estava correto, Cação! O «fidalguinho» não era quem alegava ser, pois não?

Leonor ainda se questionava se aquele discurso pendia a seu favor quando Cação gargalhou. Mais reconfortado, estendeu-lhe a mão e afirmou:

— Nunca conheci uma rapariga com tanta garra... Sem sombra de dúvida, és filha do Açor!

Leonor fitou a mão enorme, perplexa. Jamais o imaginara a tomar aquela iniciativa! Correspondeu e retribuiu o sorriso, com uma nova esperança a aquecer-lhe o coração... Se Cação se dispusera a sanar as suas divergências, Corvo também haveria de perdoá-la.

O dia passou sem que Leonor conseguisse aproximar-se de Corvo. Sempre que o seguia, Raposo ou Gavião intercetavam-na e designavam-lhe outra tarefa. Mal se apercebeu de que os dois combinavam esforços para afastá-la do capitão, protestou. E o mestre foi seco na réplica:

— Quando ele quiser falar contigo, há de convocar-te.

Guida também desistiu de justificar-se a Rodrigo por ter contado a Corvo quem Leonor era, à sua revelia, e dedicou-se a remendar as velas que o vento rasgara. Apesar de haver mais guardadas no porão para as substituir, quem podia afiançar que aquelas não voltariam a ser necessárias?

A ordem de discricção mantinha-se, uma vez que a *Niña del Mar* podia surgir a qualquer momento. Por isso, quando a claridade rosada do crepúsculo se desvaneceu, a maior parte dos homens estendeu-se a dormir no convés. Leonor também estava tão cansada e desalentada por mendigar a atenção de Corvo em vão que nem reclamou quando Guida a conduziu ao camarote.

Um vaso com água doce e roupas limpas tinham sido deixados à sua disposição. O facto de já estar a receber tratamento especial irritou Leonor. Mesmo assim, limpou a pele, trocou de roupa e até permitiu que Guida lhe penteasse os cabelos, enquanto afagava o pelo acobreado de *Trinca-Espinbas*... Contudo, não obstante a ternura dos gestos, um silêncio triste pesava entre as duas e nenhuma tinha vontade de quebrá-lo, como se receosas de que uma palavra bastasse para acender ressentimentos e desencadear acusações que as deixariam ainda mais contundidas. Eis senão quando, ao ver Leonor levar à boca uma das folhas que ela lhe dera para evitar as regras, Guida foi incapaz de se soffrear:

— Já não precisas disso, Leo!

Então, aquilo que ambas queriam evitar aconteceu. A questão inflamou a mágoa de Leonor e impeliu-a a revidar, num tom cortante:

— Preciso, pois! Quero estar apta a combater contra a *Niña*!

A frieza do seu olhar desencorajou a contestação de Guida. Também ela estava exausta... Leonor sempre fora teimosa, mas costumara ser assisada nas decisões. Todavia, desde que descobrira que Gonçalves Vaz não era seu pai, tornara-se uma pessoa obstinada que Guida mal reconhecia.

«Não vou desistir de te chamar à razão, Leo... Juro que não vou!»

Melindradas, deitaram-se cada uma para o seu lado, a cismar sobre as dificuldades que o próximo dia lhes traria... No entanto, quando o sono as arrebatou já estavam abraçadas, embaladas pelo som grave e ondulante do ronronar de *Trinca-Espinbas*.